

ALDEIAS NA QUEBRADA: NOVAS COMPOSIÇÕES DE CORPOS E TERRITÓRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO¹

VALERIA MACEDO²

UNIFESP, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-3189-9824>

EDUARDO SALES DE LIMA³

USP, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-0001-4440>

RESUMO: *Buscando acompanhar movimentos protagonizados pelos Guarani da Terra Indígena Jaraguá nos últimos cinco anos, a questão propulsora do texto remete aos modos pelos quais alianças envolvendo quebradas e aldeias na periferia têm transformado corpos e territórios, ensejando um devir-floresta da cidade que desloca marcadores étnicos em favor de composições multiespécies envolvendo diferentes humanos, plantas, animais, montanhas, águas, espíritos e outros viventes. Por meio de lutas, festas e trabalhos conjuntos, aldeias e quebradas vêm enfrentando a precariedade de políticas, privação de direitos, especulação imobiliária e devastação de áreas verdes, dando forma a outras possibilidades de existência da/na cidade. Particularmente no que diz respeito aos Guarani, tais alianças têm dado forma ao que lideranças chamam de “jeito Jaraguá de lutar”, em modulação diversa da esquiva guarani mbya e de parceiros nos movimentos sociais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Guarani Mbya, aldeias e cidades, Terra Indígena Jaraguá, etnologia indígena e movimentos sociais, indígenas em São Paulo.*

ABSTRACT: *Seeking to follow movements carried out by the Guarani of Jaraguá Indigenous Land in the last five years, the text's driving question refers to the ways in which alliances involving slums and indigenous villages in urban peripheries have transformed bodies and territories, giving rise to a forest-becoming of the city that displaces ethnic markers in favor of multispecies compositions involving different humans, plants, animals, mountains, waters, spirits and other beings. Through joint struggles, parties and work, indigenous villages and slums have been facing the precariousness of policies, deprivation of rights, real estate speculation and devastation of green areas, shaping other possibilities for the existence of/in the city. Particularly regarding the Guarani, such alliances have shaped what leaders call the “Jaraguá way of fighting”, in a different modulation from the Guarani Mbya esquiva (elusiveness) and from partners in social movements.*

KEYWORDS: *Guarani Mbya, villages and cities, Jaraguá Indigenous Land, indigenous ethnology and social movements, indigenous peoples in São Paulo.*

¹ Valéria Macedo é pesquisadora associada ao projeto “Cosmopolíticas do cuidado”, coordenada por José Miguel Nieto Olivar com apoio da Fapesp, e bolsista Cnpq-Pq, de modo que que agradecemos a ambas agências de fomento. Também somos imensamente gratos a Amanda Signori por sua leitura generosa e importantes contribuições no texto.

² Professora associada na Universidade Federal de São Paulo, vinculada ao Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. E-mail: vmacedo@unifesp.br

³ Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades (PPGHDL) do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas/USP). E-mail: edusadeli@gmail.com

Chamando pra luta e pra festa (Introdução)

mata cidade
 cidade mata
 - a festa
 mata cidade
 cidade mata
 - a guerra
 ...não sabe guerrear
 quem não sabe fazer festa

(trecho de Rap em criação coletiva da peça "Amazônias: ver a mata que te vê", que estreou em 2022 e cujo elenco inclui jovens guarani da TI Jaraguá, de outros povos e não-indígenas de bairros periféricos em São Paulo)

Jaraguá é Guarani. Esse foi o nome do festival organizado na *tekoa* Yvy Porã, uma das seis aldeias da Terra Indígena (TI) Jaraguá, localizada no bairro paulistano do Jaraguá, no último domingo de janeiro de 2023. Durante a manhã ensolarada, o festival abarcara diversas atividades, como venda de artesanato, oficinas e rodas de conversa. Já no início da tarde, centenas de pessoas dançaram sob a chuva em apresentações de artistas de diferentes povos, unindo seus sons ancestrais à influência da cultura *hip hop* e outros estilos urbanos. Dentre os espetáculos estavam o de Brisa Flow (de origem mapuche), Ian Wapichana e o DJ Eric Terena. Owerá – morador da aldeia Krukutu, na zona sul da cidade de São Paulo, conhecido também por ter aberto o cartaz escrito “Demarcação já” no primeiro jogo da Copa do Mundo em 2014 – era um dos músicos do povo Guarani Mbya. Ali ele cantou e foi acompanhado por muitos jovens Guarani presentes com a música *Jaguatá Tenonde: Javy'a/ Ompamba'e ramõ jepe/ Jaguatá tenonde* (A gente se alegra/Mesmo na dificuldade/Vamos seguir em frente).

Propagadas pelo Pico do Jaraguá, ponto mais alto da cidade localizado no Parque Estadual vizinho à comunidade, as frequências sonoras do Festival mesclavam-se com o som do encontro das águas de Tupã naquela parte de Mata Atlântica acossada pela metrópole. Concomitantemente aos shows, dentro da *opy* (casa de reza, que na ocasião sediava rodas de conversa), Márcio Wera Mirim, liderança e referência na reintrodução das abelhas nativas no território indígena, comunicava-se de forma cadenciada e com o volume de sua voz mais baixo que o da chuva e das caixas de som. Dizia para um grupo de trinta visitantes não-indígenas não poder alterar seu modo de falar porque os Guarani não gostam de incomodar os seres da mata. Márcio expressava-nos a urgência da proteção desses seres para que eles também nos protejam, enfatizando a importância do cuidado com as abelhas indígenas, como as jataís, mirins, uruçu-amarelas e mandaaias.

Com a chuva diminuindo, mais ao final da tarde, os visitantes se espalharam pela *tekoa* (aldeia). Parte foi até o meliponário. Outros permaneceram na *opy*. E a grande maioria, formada sobretudo por jovens

indígenas e não-indígenas, permanecia na frente do palco. Dezenas destes jovens começaram a se pintar de terra. Uma, duas, três crianças guarani partiram a escorregar do alto de um aclave. Parte dos *jurua* presentes precipitou a copiá-las. A trilha íngreme que liga o centro da aldeia até o local onde se localizava o palco do Festival transformava-se assim em um espaço de brincadeira.

O clima na *tekoa* se acalmava com os últimos shows. Alguns visitantes *jurua* começavam a partir. A cada duas horas havia transporte gratuito em convênio com o Museu das Culturas Indígenas que os levavam até a estação Barra Funda do metrô. Ao redor da fogueira, situada ao lado da cozinha comunitária, já era possível ouvir de algumas lideranças breves balanços do evento. Jurandir Karai Djekupe, morador da Yvy Porã e professor na Escola Estadual Djekupe Amba Arandu, na aldeia Ytu (também na TI Jaraguá), compartilhava um pedaço de cachorro-quente com a esposa, Marilene, e sua filha de quatro anos, Takua'i. Na parte da manhã, o casal havia conduzido uma conversa abordando questões sobre turismo comunitário, educação diferenciada e a relação da escola com o território e seus espaços coletivos. Estavam alegres com o sucesso do evento – antecedido e sucedido por muitas chamadas e intenso engajamento nas redes sociais – e a presença maciça de não-indígenas. Jurandir nos dizia que o mais importante, seja em eventos como este ou em outras parcerias entre indígenas e não-indígenas, é que exista um fortalecimento mútuo, já que para os Guarani não faz sentido apenas um lado se fortalecer.

Na semana anterior ao festival acontecera o *ykarai* – ritual de nomeação traduzido na TI Jaraguá como “batismo da água” – na *opy* da aldeia Yvy Porã, construção de adobe que havia sido reforçada há alguns dias em um mutirão com parceiros não-indígenas do bairro e universitários. Alguns desses parceiros também estavam presentes no ritual da comunidade com suas divindades ao longo da noite. Nós também estávamos no *ykarai* e buscamos construir este texto como modo de participação e reflexão a respeito de novas composições envolvendo pessoas e coletividades de diferentes povos e espécies em periferias urbanas desafiadas pela precariedade de políticas, privação de direitos, especulação imobiliária e devastação de áreas verdes.

Tais composições têm ganhado forma e força ao longo da última década na cidade de São Paulo, que conta com uma significativa população indígena oriunda de diferentes estados e povos (SOUZA, 2021), bem como dois complexos de aldeias majoritariamente habitadas pelos Guarani Mbya. Um desses complexos está localizado no extremo sul da Região Metropolitana de São Paulo, na TI Tenonde Porã⁴, e outro na região noroeste, vizinha ao Parque Estadual do Pico do Jaraguá, onde fica a TI Jaraguá. Em diferentes modulações, os movimentos que este artigo busca acompanhar se fazem presentes em ambas as regiões, mas centraremos foco na TI Jaraguá, onde Sales de Lima realizou sua pesquisa de doutorado (SALES DE LIMA, 2022) e Macedo tem relações de amizade e

⁴ Para informações sobre essa TI, consultar o website www.tenondepora.org.br.

interlocução há mais de uma década (MARTIM & MACEDO, 2023; MARTIM, MACEDO & SIGNORI, 2021; MACEDO, 2019).

Há também um aspecto metalinguístico em nossa parceria neste texto, já que Sales de Lima se aproximou da TI Jaraguá por seu engajamento (biográfico/afetivo e profissional/intelectual) em movimentos sociais de periferias urbanas, enquanto a aproximação de Macedo se deu pela etnologia guarani, sendo ambos implicados nas lutas desse povo pelo reconhecimento de suas terras e outros direitos. A questão propulsora do artigo remete aos modos pelos quais alianças envolvendo quebradas e aldeias na periferia têm transformado corpos e territórios, ensejando um devir-floresta da cidade que desloca marcadores étnicos em favor de composições multiespécies envolvendo diferentes humanos, plantas, animais, montanhas, águas, espíritos e outros viventes.

Como o território tradicional guarani foi devastado, dividido e densamente ocupado pelos *jurua* (não-indígenas) ao longo da colonização, a maior parte das aldeias é acossada por centros urbanos, rodovias, fazendas, parques de proteção integral e outros empreendimentos ou cercas⁵. Nessa configuração, o desafio existencial dos Guarani tem sido circular nas redes sem ser enredado pelas capturas do empreendedorismo e/ou assistencialismo do Estado, igrejas, empresas, ONGs e indivíduos *jurua* (MACEDO, 2017, 2022). Mas as parcerias com pessoas e coletividades periféricas para as quais este texto se volta diferem dessas relações em que os *jurua* são posicionados como predadores e/ou provedores.

Uma inflexão nessas relações com parceiros não-indígenas tem como marco importante as manifestações políticas que ganharam as ruas em 2013. Os Guarani tomaram parte em protestos em defesa dos direitos indígenas, já que a Constituição Federal fazia 25 anos e vinha sendo ameaçada por Projetos de Emenda Constitucional como a PEC 215, que propunha transferir o processo de reconhecimento de Terras Indígenas para o Poder Legislativo⁶, onde ficaria à mercê dos interesses da bancada ruralista e de parlamentares com pautas anti-indígenas. Especificamente na cidade de São Paulo, os Guarani se articularam com coletivos com atuação regional e ou temática no campo dos direitos, protagonizando ocupações e caminhadas em lugares de forte simbolismo no histórico de colonização e genocídio indígena na cidade (MACEDO & GALLOIS, 2022; SALES DE LIMA, 2022; TUPÃ, 2022; KEESE DOS SANTOS, 2021).

Integrando esses movimentos, a campanha “Jaraguá é Guarani” tem estado presente em faixas, corpos, muros e gritos de guerra, aproximando da TI não-indígenas que vivem no bairro ou em outras

⁵ Informações de 2016 do *Mapa Guarani Continental* (<http://campanhaguarani.org/guaranicontinental/>) estimam aproximadamente 280 mil pessoas falantes de guarani. Povos guarani aparentados vivem em comunidades no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. Nas TIs Jaraguá e Tenonde Porã, na capital paulista, a maioria da população guarani é Mbya.

⁶ Se aprovada a proposta, o direito originário dos indígenas a terras que possibilitem a continuidade de seus modos de viver ficaria atrelado às práticas de lobismo do Congresso, particularmente da bancada ruralista. A concentração de renda e a destruição ambiental, fortemente implicadas no agronegócio, têm nas terras indígenas um entrave para sua expansão, sendo a aprovação da PEC a oportunidade para barrar as demarcações pendentes.

regiões. Essas parcerias vêm se consolidando na última década e se intensificaram a partir de 2019, quando moradores da TI Jaraguá e aliados não-indígenas enfrentaram a empreiteira Tenda, que adquiriu um terreno vizinho às aldeias e derrubaria dezenas de cedros e centenas de outras árvores para a construção de onze torres de apartamentos de dez andares, somando um total de 880 unidades habitacionais, que poderiam receber mais de 4 mil moradores (SALES DE LIMA, 2022; SANTOS, 2021).

O artigo se volta para tais movimentos em três seções, uma delas contextualizando a Terra Indígena na região do Jaraguá e os desafios de sua urbanização crescente. Já segunda seção aborda como parcerias recentes vêm inflexionando relações nas aldeias, entre aldeias, com a mata, o bairro e a cidade de modo geral. Por fim, a terceira seção centra foco na resistência à empreiteira Tenda e nas alianças multiespécies (extravassando marcadores multiétnicos) que ensejou.

Atravessando as seções, as implicações mútuas entre corpo e território serão abordadas sob inspiração da antropóloga guarani Ara Reté Sandra Benites. Contrapondo-se a uma concepção unívoca e reificada de indivíduo e de etnia (ou sociedade) como supra-indivíduo, Benites (2018) chama a atenção para o corpo e o território como espaços habitados e atravessados por múltiplos agentes, de forma a se individuarem como uma composição de diferenças. Cada corpo é um território em que circulam diferentes seres e extensões afectivas de seres que compõem a pessoa, assim como cada território é composto pelos movimentos e relações entre corpos que o habitam, incluindo seres primordiais como as montanhas, rios e florestas. Particularmente, Benites enfatiza como o *teko*, expressão guarani que remete a modo de ser, é construído na *tekoha* (ou *tekoa*, na versão guarani mbya), o território, e que cada corpo é um território, de modo que o *teko* existe em variação, e não de modo unívoco (BENITES, 2018, p.70).

Assim como cada corpo é lugar de um *teko* singularizado por sua composição de diferenças e se constitui mutuamente com o território em que habita, outras relações corpo-território, ou outros *teko*, podem incidir naquele espaço. Na ontologia relacional guarani (e de outros povos originários) há uma multiplicidade constitutiva dos lugares, que podem ser *tekoa* de diferentes corpos-mundos, os quais se afetam sem que se indiferenciem. Em seus aprendizados com os Karajá, Nunes (2020, p.71) chama a atenção para a condição intensiva do território, cuja multiplicidade não remete a uma bricolagem ou mosaico de partes de territórios, e sim à coexistência de *hãwa* (territórios) de diferentes seres-corpos-mundos. Um território é assim mais do que um e menos do que muitos (HARAWAY, 1991; STRATHERN, 1991). Novamente com Nunes (2020, p.81) – cujos interlocutores Karajá, assim como nossos interlocutores Guarani, moram em aldeias contíguas a cidades – não há uma relação de englobamento da aldeia pela cidade, mas sua coexistência como diferentes *hawã*.

Por sua vez, nos movimentos envolvendo os Guarani que buscamos reunir neste texto não é só a coexistência-diferença de *tekoa* – ou de modos de existência nos/dos espaços – que está em jogo, mas como esses modos de existência podem entrar em estado de devir.

Particularmente, como um devir-floresta na cidade vem aproximando aldeias e quebradas em lutas, festas e trabalhos conjuntos. Corpos e territórios vêm se alterando nesses movimentos e dando forma a outras possibilidades de existência da/na cidade.

Jaraguá é Guarani

Jaciara Pará Mirim, moradora e nascida na TI Jaraguá, conta que em sua infância na década de 1980 sempre nadava no córrego que passa na *tekoa* Ytu, hoje extremamente poluído. A Estrada Turística do Jaraguá já dividia as aldeias Ytu e Pyau, mas, diferentemente do intenso trânsito de veículos de hoje, naquela época quase não passava carro.

Eu lembro que a gente brincava muito, tinham tartarugas pequeninhas e outros animais com quem a gente brincava. As tartarugas atravessavam a rua, filhotinhas, e eu, meus primos e meus irmãos, a gente pegava e levava do outro lado para elas não serem atropeladas. Hoje em dia a gente não vê nenhuma tartaruga. Com a poluição, infelizmente meus filhos não puderam ter esse privilégio de conviver com animais como eu, só com os cachorros que os *jurua* abandonam aqui na aldeia. O trânsito, o barulho, também não existia. Hoje em dia a gente fica o tempo todo preocupado com as nossas crianças atravessando a rua porque o movimento de carro agora é intenso (Pará Mirim *apud* MARTIM & MACEDO, 2023).

A *tekoa* Ytu foi fundada pelos avós de Jaciara e corresponde à área de apenas 1,7 hectare homologada como TI Jaraguá em 1987⁷. Demarcados em período anterior à Constituição de 1988, esses limites excluía áreas ocupadas pela comunidade para atividades de plantio e coleta, bem como habitações dispersas fora desse perímetro. A mãe de Jaciara morava no terreno em frente, que depois veio a se constituir como *tekoa* Pyau, e outras aldeias se formaram mais recentemente, em 2016, somando atualmente seis *tekoa*: Ytu (“Fonte”), Pyau (“Nova”), Yvy Porã (“Terra Boa/Bonita”), Ita Wera (“Pedra Radiante”), Itakupe (“Atrás da Pedra”) e Itaendy (“Pedra Reluzente”), onde vivem cerca de 700 pessoas. Após muitas lutas pela ampliação da TI, em 2013 ela foi identificada com 532 hectares pela Funai e declarada pelo Ministério da Justiça em 2015. Parte desses limites (308 ha) incidem no Parque Estadual do Pico do Jaraguá, criado em 1961 num resquício de Mata Atlântica na cidade de São Paulo e onde se encontra sua montanha mais alta. Por isso, os *jurua* instalaram ali muitas antenas e é um lugar em que divindades dos raios, *Wera kuery*, se fazem muito presentes.

⁷ A TI Jaraguá faz parte de um conjunto de oito terras indígenas homologadas no estado de São Paulo em 1987. Na capital paulista, foram também reconhecidas as TI Krukutu e Barragem, cada uma com cerca de 25 hectares, que hoje integram a TI Tenonde Porã, cujo processo de reconhecimento de novos limites também está em curso e prevê 15.969 hectares.

Em agosto de 2017, a portaria declaratória dos novos limites da TI foi anulada sob alegação de um “erro administrativo”. Mas os Guarani chamaram a atenção de que se tratava de interesses do Estado de São Paulo em privatizar seus parques, entre os quais o Parque do Pico do Jaraguá, em boa parte sobreposto aos limites da Terra Indígena. Os Guarani no Jaraguá mobilizaram parceiros não-indígenas e de outros povos indígenas que estavam vivendo em São Paulo e, ao cabo de intensas manifestações nas ruas e na assembleia legislativa, ocuparam o Parque e desligaram algumas das antenas de rádio e televisão, afetando mais de 600 mil moradores ao norte na Região Metropolitana de São Paulo. O gesto teve grande repercussão e o governo estadual foi obrigado a negociar, aceitando criar uma comissão para discutir a gestão compartilhada de Parques Estaduais com áreas sobrepostas, como as terras indígenas. No mesmo sentido, o governo federal reverteu a suspensão do processo em dezembro desse mesmo ano, mas a TI seguiu contestada por processos judiciais (MORAES & FRANCO, 2018).

Amanda Signori, antropóloga e ativista do Cimi (Conselho Missionário Indigenista) - que foi um dos apoiadores não-indígenas na mobilização - em conversa com Macedo comenta que a decisão de ocupar o parque e desligar as antenas não era consensual entre os Guarani de outras comunidades, sendo aquele um momento importante na individuação de um “jeito Jaraguá de lutar”. Mesmo assim, o enfrentamento aberto com o Estado e suas forças policiais tinha como principais armas os cantos guarani com e para as divindades, bem como a participação de homens e mulheres de todas as idades, inclusive muitas crianças⁸.

David Karai Popygua, professor na TI Jaraguá, foi um dos que estiveram à frente nessas manifestações. No ano seguinte, em 2018, Padovan registra passagens de um evento no Museu Paulista sobre monumentos do desenvolvimento urbano em São Paulo no qual David conta para uma plateia de arquitetos e outros não-indígenas que o bandeirante Afonso Sardinha ocupou o Pico do Jaraguá no século XVI e passou uma década matando e escravizando os Guarani que ali viviam para que retirassem ouro (PADOVAN, 2020, p.102). David ainda discorre sobre a etimologia de *Jaraguá* na língua guarani, apontando sua derivação da partícula *ja* ou *jara*, que remete a dono, e *ranga*, que remete a cópia, imagem, o que não é o verdadeiro. *Jaranga* seria então referência ao bandeirante como um falso dono da montanha.

Por sua vez, *Anhanguera*, que dá nome a uma das rodovias que acoçam a TI Jaraguá, é associada por David à *Anhã*, espírito maligno que era irmão mais velho e antagonista da divindade (*Nhanderu*, “nosso pai”) criadora dos Guarani. *Kuery*, ou *Kuera*, é um termo coletivizador. Ainda com David, os Guarani olhavam de cima do Pico do Jaraguá os bandeirantes e outros *jurua* passando lá embaixo e se referiam a eles como *Anhã Kuera*, ou *Anhanguera*, associando-os ao coletivo dos malignos *Anhã* (PADOVAN, 2020, p.103-4).

⁸ O filme “Ara Pyau - A primavera guarani”, dirigido por Carlos Eduardo Magalhães, registra passagens da ocupação do parque e desligamento das antenas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=18KM0atBgUY>. Acessado em 30/04/2023.

Ao destrinchar essas palavras para mostrar as relações que trazem consigo – o bandeirante como falso dono que escraviza e mata por ouro; os não-indígenas associados a espíritos predadores –, David evidencia como tais relações históricas se desdobram no presente do bairro e da cidade, onde os bandeirantes são homenageados em vias públicas, monumentos e até no palácio do governo.

A seu turno, o Parque foi criado sob alegação do valor ambiental, recreativo e histórico da área, associado à ocupação indígena e bandeirante no Pico do Jaraguá. Mas o reconhecimento da presença histórica dos indígenas convivia com a negligência em relação à sua presença na cidade naquela conjuntura de criação do parque. Muitos indígenas que circulavam na região do Jaraguá e em outros bairros da cidade não contavam com áreas em que lhes fosse permitido constituir aldeias ou com quaisquer direitos assegurados, de modo que alguns eram vistos dormindo em vias públicas e vivendo de doações. Ainda na década de 1960, uma associação chamada Sociedade Geográfica Brasileira cedeu então um terreno onde a *tekoa* Ytu foi fundada e que corresponde ao perímetro da TI Jaraguá. Ali passou a viver a família de Jandira Kerexu Mirĩ e Joaquim, já falecidos. Seus descendentes hoje vivem nas seis aldeias da TI, bem como muitas outras famílias que ali foram se estabelecendo (LADEIRA & AZANHA, 1988; NOGUEIRA DA SILVA, 2008; PIMENTEL, 2009; MORAES e FRANCO, 2018; MACEDO, 2019).

A formação dessas aldeias mais recentes foi impulsionada pela grande densidade populacional da *tekoa* Pyau, que contrasta com a configuração tradicional de aldeias guarani, compostas por poucas famílias e com alguma distância entre casas ou entre conjuntos de casas. As áreas exíguas de comunidades indígenas em periferias urbanas dificultam não apenas a boa distância dos brancos, como também a boa distância necessária para o bem-viver entre os corresidentes, como aponta Thiago Karai Djekupe, morador da TI Jaraguá:

Às vezes a pessoa está com algum problema espiritual e precisa de isolamento para que outras pessoas não adoçam também. Nós também temos nossas próprias doenças da noite, dos *ãgue* (espírito dos mortos), da mata... E, quando acontece, nossos *xeramõi* já sabem a forma que precisa ser cuidada; mas aqui sempre foi uma dificuldade tudo isso, sempre foi difícil lidar com o pouco espaço físico das moradias... A gente vive nessas casinhas de madeira de um único cômodo, é um aglomerado de pessoas morando uma grudada com a outra, estilo comunidades da periferia mesmo, as favelas... O processo de retomada do território, de reocupar as áreas que antigamente foram aldeias ou que sempre foram de uso tradicional foi também para a proteção do Parque do Pico do Jaraguá, porque a gente via já as nascentes secando, os animais morrendo, sendo atropelados, caça ilegal, tudo isso, e a vantagem de poder recomeçar de novo um estilo de vida mais respeitoso com nosso jeito de ser. (Thiago Karai

Djekupe, em conversa com Valéria Macedo, Amanda Signori e Camila Padilha em 2021).

A possibilidade de plantar, particularmente, é muito comentada entre as razões para a constituição das novas aldeias, já que nas áreas exíguas das duas *tekoa* mais antigas só era possível alguns plantios nos quintais (MIGUEL JORGE, 2022). Ainda com Thiago, a fundação de novas aldeias foi também uma forma de ocupar permanentemente áreas que já eram usadas para caça e coleta, protegendo esses espaços da ocupação não-indígena crescente e desordenada, bem como resguardando os limites da TI Jaraguá que aguardam homologação.

Entre as aldeias de formação mais recente, Jurandir Karai Djekupe nos conta que a Yvy Porã, onde vive, assim como Thiago, faz parte dos limites do Parque, mas era usada pelos *jurua* como um depósito clandestino de lixo industrial, entulhos, e até cadáveres foram encontrados na área. Ele cresceu frequentando aquele espaço para brincar e ali sua avó Jandira coletava remédios da mata. Mas em 2016 fizeram uma cerca com intenção de grilar o terreno. Então, seu primo Thiago Karai Djekupe e seu cunhado Márcio Wera Mirim resolveram retomar a área. A comunidade começou a limpar o lixo que era ali depositado e desde o início resolveram mobilizar moradores não-indígenas do bairro ou de outros bairros para ajudarem. Como destaca Jurandir, foram fazendo a aldeia já com a ideia de que fosse um lugar para viverem, mas que também fosse um espaço de aprendizado para os *jurua*, com atividades de etnoturismo, como trilhas na mata e uma casa de cultura para visitantes. As casas foram construídas de adobe e madeira, como o são as casas tradicionais guarani, e Márcio tornou-se uma referência no manejo de abelhas nativas, inclusive dando oficinas em outras aldeias do estado e para os não-indígenas.

Jurandir comenta que várias pessoas do bairro que nem sabiam da existência dos Guarani passaram a frequentar a aldeia. Puderam então tomar contato com a força da língua e da vida espiritual da comunidade, mas também com os problemas que enfrentam, como a profusão de cachorros que os *jurua* abandonam na *tekoa* Pyau, a precariedade do esgoto, do fornecimento de água, entre outros.

Em um mutirão com parceiros não-indígenas na *tekoa* Yvy Porã em junho de 2018, Sales de Lima presenciou Thiago Karai Djekupe lidando com o dono de uma chácara ao lado da aldeia que jogava esgoto na TI. Thiago chamou a polícia ambiental e comentou que este tipo de episódio acontece com frequência. Outra questão com a qual ele e outras lideranças precisam lidar é o assédio de igrejas na TI, que se agravou em meio à pandemia da Covid-19. Sobre a *tekoa* Pyau, que é a aldeia mais populosa, recebe pessoas e organizações religiosas ou laicas de diferentes perfis e propósitos, oferecendo formas de doação ou colaboração que na maioria das vezes projetam valores, interesses e expectativas desses provedores e não da comunidade. Como Macedo escreve em outro texto:

Missionários de diferentes religiões e igrejas, comerciantes, políticos, antropólogos, filantropos, doentes, pessoas em busca de razões para viver, outras em busca de vidas para suas razões... Os moradores do Jaraguá são assim desafiados a lidar com múltiplos *jurua*, manejando a criação de vínculos e desconexões. Os Guaraní raramente rejeitam ou impedem visitas, doações, projetos e demandas das mais diversas, mas manejam essas relações de modo a posicionar os *jurua* como provedores, mas não controladores ou patrões que imponham regras e procedimentos (MACEDO, 2019, p.617).

Entre risadas, os moradores dão muitos exemplos da inadequação de coisas doadas: desde uma criação de 200 porquinhos da índia sem que a comunidade tivesse experiência na criação desse animal, até roupas rasgadas ou de uso social, incluindo sapatos de salto agulha. Na maioria das vezes, os *jurua* se veem como provedores ou salvadores porque folclorizam ou fetichizam a vida da comunidade, interpretando seus convites e demandas como carências ou pedidos de ajuda, quando na maioria das vezes correspondem a aberturas da comunidade para novos vínculos por meio de ações conjuntas.

Também na cidade muitos Guaraní se sentem alvo de olhares de desprezo ou piedade. Os mais velhos, sobretudo, se queixam de serem vistos como pobres e sujos. Como Jaciara Pará Mirim chama a atenção, os mais velhos não costumam tomar banho para ir à cidade como os jovens, “eles iam do jeito que estavam e, quando eles voltavam da cidade, aí sim eles tomavam banho, porque eles se sentiam sujos” (MARTIM, MACEDO & SIGNORI, 2021; p.08).

À revelia desses olhares, os Guaraní costumam ter grande interesse em captar recursos e relações por meio de parcerias com não-indígenas no setor público, não-governamental e privado, mas sempre encontram formas de não se deixarem capturar por condicionantes burocráticos e pragmáticos dos projetos (MACEDO, 2017, 2022). Na última década, contudo, é possível observar um aumento significativo de alianças que não se fundamentam em vínculos assistenciais ou utilitários com não-indígenas em atos políticos, rituais, mutirões e mobilizações dentro e fora das *tekoa*. Particularmente na vizinhança do bairro, a violência e o preconceito de que são alvo também vêm aproximando aldeias e quebradas que convivem nos espaços urbanos periféricos. Essa conexão foi assim expressa por Jurandir:

Essa aproximação não foi o acaso, mas porque temos os mesmos problemas com preconceito. Um jovem que nasceu na quebrada, no Recanto dos Humildes, por exemplo, se a polícia encontra um jovem desse por aí vai achar que é suspeito e pode até bater nele... E a gente também sofre vários tipos de preconceito e brincadeiras pejorativas, vários jeitos de ser discriminado. Então isso aproximou a gente do cara da periferia... E também a

gravidade do tempo de agora, tanto política quanto climática. Enquanto a grande massa das pessoas passa o dia todo trabalhando e está preocupada com as contas pra pagar, a gente está sofrendo aqui na base da pirâmide a questão climática. Quem sofre primeiramente são os pobres e isso faz com que bata a mesma ideia nas aldeias e nas quebradas... Mas ainda é pouco. Seria bom que todo mundo da periferia tivesse esse pensamento, mas infelizmente tem aquela pessoa que é da periferia, que trabalha de segurança em algum lugar e pensa igual ao patrão: "Ah, mas bandido mora na quebrada, bandido bom é bandido morto, esses caras dos direitos humanos só pensam em ajudar os bandidos...". Então falta muito pro pensamento de todo mundo estar unido (Jurandir em conversa com Sales de Lima e Macedo em 2023).

Os preconceitos e violências de hoje em dia são muito mais intensos do que em sua infância nos anos 1980, segundo Jurandir. Em sua memória, aquela região era predominantemente rural, com pouca densidade populacional e equipamentos urbanos. Os *jurua* que ali viviam eram em boa parte migrantes da região nordeste e tinham uma vida muito simples, por isso não costumavam ser preconceituosas como aqueles que têm mais dinheiro ou se identificam com seus patrões, que passaram a habitar o bairro. Os moradores antigos vendiam ou trocavam produtos de suas plantações com sua avó. E as crianças indígenas e não-indígenas nadavam juntas no córrego que passa na *tekoa* Ytu, como também comentara sua irmã Jaciara. Assim como ela, Jurandir discorre sobre as transformações da Estrada Turística do Jaraguá, cujo nome remete à vocação de turismo daquela região desde a criação do Parque, hoje totalmente reconfigurada pela urbanização desordenada:

Quando minha vó pedia pra comprar pão, algum leite, pra comprar uma galinha na granja, então eu caminhava a Estrada Turística por um quilômetro sem ver uma casa. Os bairros Nova Esperança e Sol Nascente eram mata. Via as primeiras casas mais ou menos pro lado do Monte Alegre, que é um bairro antigo. E as casas que eu tenho lembrança eram bem bonitas, com os muros bem baixos e largos, e na parede dentro das casas tinha umas santas que ficavam iluminadas à noite. Aí eu ficava olhando aquela iluminação. Agora quando eu vejo tem ferro velho, tem indústria, está feio. Esse negócio de urbanização é totalmente errado (Jurandir em conversa com Sales de Lima e Macedo em 2023).

O adensamento urbano no distrito do Jaraguá teve como divisor de águas a construção da Rodovia dos Bandeirantes, em 1978, trinta anos depois da inauguração da Rodovia Anhanguera, que também integra a malha viária no entorno da TI, juntamente com o Rodoanel Mário Covas, inaugurado em 2002. Segundo relatório de identificação de novos limites da TI Jaraguá, a população do distrito quase dobrou a partir dos anos

1980 e a expansão imobiliária segue intensa, voltada para um público de classe média e média-baixa, além de aproximadamente um terço das ocupações em favelas (PIMENTEL et al, 2009, p.322).

As *tekoa* da TI Jaraguá são assim acossadas, assediadas e atravessadas por espaços, cheiros, sons e afetos *jurua*, experimentando um devir-cidade que traz imensos desafios, mas também potências criativas. Assim como muitas comunidades em periferias urbanas, sofrem preconceitos, violências, privação de direitos e políticas, alta incidência de alcoolismo e dependência de outras substâncias, entre outros problemas. Entre as potências criativas, o rap (na língua guarani e em português) despontou como um gênero musical marcante no Jaraguá e em outras comunidades guarani na cidade de São Paulo e em periferias de outras cidades, como em Dourados/MS. Na TI Jaraguá, o grupo Oz Guarani – formado por Xondaro MC, Gizeli Pará Mirim e Mano Glowens – é um dos que alcançaram um público amplo e diverso em suas apresentações e gravações, mesclando batidas de *Hip Hop* com cânticos tradicionais mbya⁹.

Outro movimento potente tem sido a participação de moradoras do Jaraguá no crescimento dos feminismos indígenas. Stephanie Martins é uma das vozes guarani na TI Jaraguá que vem se insurgindo contra o silêncio diante de violências sofridas por mulheres nas aldeias e na cidade. Ela também questiona o casamento como única opção na trajetória das mulheres e vem tomando a frente em iniciativas para o fortalecimento de redes de apoio femininas entre as Guarani, com outras mulheres indígenas e também com parceiras não-indígenas. Entre as parceiras de outros povos, a TI Jaraguá tem acolhido algumas delas como moradoras, a exemplo de Tamikuã Txihí, do povo Pataxó, que vive no estado bahiano, e Julieta Paredes, do povo Aimara, da região dos Andes. Moradoras da *tekoa* Itakupe, elas encampam ideias do feminismo comunitário nas aldeias e para além delas. Como apontava Tamikuã a Sales de Lima em dezembro de 2019, o feminismo comunitário visa sarar o corpo da comunidade, da natureza e da própria sociedade não-indígena, todos assolados pela agressão do machismo e do patriarcado.

Ademais, em todas as aldeias da TI Jaraguá há importantes lideranças femininas, seja na política interna às aldeias - como Patrícia Jaxuka na *tekoa* Pyau, Geni Vidal na Itakupé, Maria Ara Poty na Itawerá, entre outras -, como em reivindicações por direitos aos *jurua*. Nas eleições de 2020 para a Câmara Municipal, formou-se uma chapa feminina “Jaraguá é Guarani”, composta por Patrícia Jaxuka, Sônia Ara Mirim e Tamikuã Txihí. Em todas as manifestações políticas as mulheres também são intensamente atuantes, assim como têm crescido muito articulações femininas envolvendo diferentes comunidades e povos no estado de São Paulo, com grande protagonismo das mulheres da TI Jaraguá (SIGNORI, 2022).

Por sua vez, parcerias em torno de questões ambientais, troca de conhecimentos e ecoturismo ou etnoturismo vêm crescendo

⁹ Ver por exemplo, o clip do rap “O índio é forte”, do Oz Guarani: <https://youtu.be/iXIpDa28HQU>. Acessado em 30/04/2023.

significativamente na TI Jaraguá. Nas páginas do Instagram da *tekoa* Yvy Porã e de suas lideranças, por exemplo, são cotidianamente postadas imagens sobre visitas, oficinas, seminários, mutirões e outros eventos em que os moradores da aldeia são ora professores ou palestrantes, ora alunos ou debatedores. Essas parcerias são bastante variadas e incluem universidades públicas e particulares, ONGs, institutos, colaboradores avulsos em áreas de comunicação, turismo, alternativas econômicas, entre outras. Particularmente, a aldeia vem sendo anunciada por suas lideranças como um ecomuseu, onde é possível andar por trilhas na mata guiados pelos moradores, conhecer o meliponário, a casa de reza, e aprender sobre a vida e as lutas naquela comunidade guarani. Tais iniciativas vêm buscando estabelecer relações com os não-indígenas mais simétricas e menos predatórias, que são experimentadas com maior intensidade nas parcerias com pessoas e coletivos na mesma região do Jaraguá.

Aldeias e quebradas

O devir-cidade está em continuidade com outros devires no mundo relacional guarani e de outros povos originários, em que corpos se individualizam como feixes de afecções (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), ou, retomando a acepção de Benites (2018), como uma composição de diferenças sempre instável pela participação de uma multiplicidade de outros. Concernente à alteridade dos brancos, Kelly (2005) chama a atenção de como ela está em ressonância com outras formas de devir-Outro. A partir de suas relações com os Yanomami no alto Orinoco (Venezuela), Kelly aponta como “virar branco” remete a um processo que nunca chega a termo, engendrando modos de diferenciação interna à pessoa, podendo ser acionado em certas configurações relacionais e não em outras.

Já entre os Guarani Mbya, o devir-branco é experimentado mais intensamente nas comunidades próximas ou contíguas a centros urbanos, sendo muito mencionado o enfraquecimento dos corpos pela comida dos brancos e por tudo que implica o *kuaxia reko* (vida pautada pela engrenagem administrativa, financeira e existencial dos papéis, *kuaxia*). Mas muitos comentam como a descontinuidade com os brancos também se impõe no corpo quando se vive na cidade, já que tentativas de trabalho sistemático ou estadias prolongadas fora da aldeia acabam incorrendo em adoecimentos. Por isso, a maioria não consegue ter padrão *jurua*. Hoje em dia há muitos postos assalariados nas aldeias, sobretudo na área de educação e de saúde. Mas é raro o trabalho assalariado fora delas, já que o espírito não se acostuma e a pessoa adocece (MACEDO, 2017, 2022).

O casamento com *jurua* também é bastante controverso, e os *xeramõi* (“meu avô”, como chamam os líderes espirituais) ressalvam que os filhos dessa relação podem afastar o *nhẽ'e porã* (ser espiritual enviado das moradas celestes para assentar-se no corpo da pessoa, estabelecendo sua conexão com os *Nhanderu* e ativando afetos que a individualizam como

Guarani¹⁰) e o espírito *jurua* se impor na composição da pessoa, de modo que ela pode nem conseguir aprender a língua guarani. Assim comenta Jurandir:

O casamento com *jurua* não ser permitido, quer dizer, não ser permitido morar em aldeia, eu entendo que é uma forma de proteção. Quem não permite são os sábios, *xeramõi*, que tem um pensamento além de uma pessoa comum, eles já pensam no que vai acontecer, têm consciência de que é espiritual... Então os sábios falam que quem se casar com *jurua* não vai ser mais Guarani porque vai estar com o espírito do *jurua*. Então não vai respeitar a cultura, não vai saber a importância do nosso ritual, tudo isso... Então não podia entrar *jurua* na casa de reza, não podia ter o contato muito íntimo (Jurandir em conversa com Sales de Lima e Macedo em 2023).

Ocorre que, diferentemente da maioria dos Guarani Mbya em outras aldeias, os filhos de Jandira e Joaquim se casaram e tiveram filhos com não-indígenas (NOGUEIRA DA SILVA, 2008, 2015). Seus descendentes sempre foram desafiados por olhares de desprezo dos brancos e de desconfiança de seus corresidentes que se reconhecem como *Mbya Ete* (“Mbya verdadeiros”) no Jaraguá, bem como nas relações com outras comunidades guarani. Jurandir é um desses descendentes e comenta que aprendeu a falar Guarani já adulto e outros primos ou sobrinhos nem falam a língua, por isso entende a preocupação dos *xeramõi*. Mas pondera que a relação com os espíritos-dono e com as divindades se faz presente também na espiritualidade daqueles que são mestiços. O principal desafio é não deixar que os jovens percam essa espiritualidade, de modo que propõe uma política de *redução de danos*, em que os conhecimentos dos brancos sejam seletivamente incorporados, mas sem eclipsar sua exterioridade constitutiva.

Chegou um tempo em que não tem como controlar celular... e hoje o jovem se comunica muito em português nas redes sociais... Então vamos ter que abrir, não tem mais como. Mas é como se faz com a droga, sabe? A melhor estratégia é combater reprimindo ou fazendo uma redução de danos? Então precisamos mostrar pro jovem como a nossa cultura tem coisa boa, como falar guarani é importante porque é nossa raiz... A gente busca fazer com que os jovens não percam nossa espiritualidade, e que aceitem as coisas do *jurua*, as boas, não como parte da sua vida, mas como conhecimento (Jurandir em conversa com Sales de Lima e Macedo em 2023).

¹⁰ Sobre *nhe'ẽ porã*, ver MACEDO & SZTUTMAN, 2014; PIERRI, 2018.

É certo que a medida dessas incorporações não é consensual ou estável, e conflitos ou tensões seguem movimentando relações entre famílias e entre aldeias, que por vezes incorporam divisores como *Mbya Ete* e *mestiços* ou *Djekupe* (também grafado Jekupe, divindade comumente associada aos brancos e que vive num patamar celeste mais próximo da plataforma terrestre do que outras divindades). Seja como for, os chamados mestiços na TI Jaraguá têm sido crescentemente reconhecidos por seu engajamento em lutas pelo povo Guarani e pelos direitos indígenas, mesmo que esse “jeito Jaraguá de lutar” - como no caso da mencionada ocupação do Parque e o desligamento das antenas - seja mais incisivo do que em ações protagonizadas por outras comunidades Guarani Mbya. Entre estas, o enfrentamento direto é evitado, predominando a esquiva como movimento que pauta relações políticas ou de conflito (Keese dos Santos, 2021).

Seja em lutas nas ruas ou nas redes sociais, em atividades de turismo comunitário e troca de conhecimentos na aldeia, assim como outros projetos e trabalhos coletivos de plantio, construção de casas e melhorias na aldeia, tem havido uma seletividade crescente entre os Guarani em relação aos parceiros não-indígenas nessas atividades, recusando assimetrias em papéis e posicionamentos, de modo que haja um fortalecimento mútuo, como no mencionado comentário de Jurandir. Tanto em projetos como em atividades cotidianas, como capinar um terreno, auxiliar em um cultivo, buscar lenha, e até mesmo ir ao mercado do bairro comprar suprimentos, o importante é estar alegre fortalecendo-se juntos. Assim, em muitas dessas parceiras, o devir-cidade no Jaraguá é concomitante a um devir-floresta de seus parceiros nas quebradas e de outros cantos da cidade.

O coletivo *Salve Kebrada* é um exemplo de parceria entre *Aldeias e Favelas*, sendo este o nome de um projeto envolvendo moradores indígenas e não-indígenas do Jaraguá que desenvolve ações de aproximação ou reconhecimento dos moradores da TI e a vizinhança do bairro. Um de seus integrantes é o jornalista e cineasta Thiago Carvalho, que conheceu os Guarani em 2014 e deles ganhou o nome Wera'i, criando o *Salve Kebrada* no ano seguinte. Ele vem produzindo curtas-metragens sobre como o território urbano é pensado e transformado pelos conhecimentos e ações dos Guarani. Com fomento público municipal, o projeto *Aldeias e Favelas* realizou um documentário sobre a construção do bairro e sua relação com o futebol de várzea, contando com participação das mulheres Guarani. Como pontua Thiago em conversa com Sales de Lima: “O Jaraguá é isso: é a aldeia e é a favela”. E a força do documentário está em mostrar como vivem desafios semelhantes e por isso têm uma ligação. Ao mesmo tempo, suas diferenças também ensejam transformações mútuas e ele enfatiza mudanças pessoais em sua relação com o tempo, contrastando com o “corre típico do paulistano”: “Respeitar e entender a sua espiritualidade, que há um tempo para tudo. E que esse tempo, ele não é medido... ele é só respeitado”.

Outro integrante do coletivo *Salve Kebrada* é Caboclo, nascido e criado no bairro do Jaraguá. Formado em Educação Física e psicopedagogo, atuou na elaboração de vídeos voltados à plataforma

Youtube em que Sônia Ara Mirim – moradora da TI Jaraguá que também integra o coletivo – discorre sobre o *Nhandereko*, “Nosso modo de viver” em guarani. Ao comentar as relações entre indígenas e não-indígenas nas bordas da cidade, Caboclo – que assumiu o codinome como uma crítica ao nome “Jonathas” de seu RG – compara o trajeto dos rios com as ações coletivas conjuntas de aldeias e favelas:

Os rios naturalmente fazem esses desvios e, geralmente, a galera tenta centralizar, afunilar, para ter um caminho direto. [Mas eu acredito que] é seguir partindo nas lutas nas comunidades e não em um padrão [que centraliza]... O *Salve Kebrada* é uma consequência dessa percepção de onde a gente está, o que a gente é, o que o outro é, onde o outro está [...] E aí ganha talvez a questão: “Pô, somos natureza também!”. Então a gente tem que se conectar e lutar junto... (Caboclo em conversa com Sales de Lima em 2022).

Além desses devires entre aldeias e quebradas no Jaraguá, alguns parceiros não-indígenas tornaram-se também corresidentes, sendo acolhidos por alguma aldeia. Esse é o caso de Daniel Wera, que também ganhou um nome guarani e mora desde 2018 na *tekoa* Itakupe. Ele ressaltava a resistência da favela, da população pobre e negra em parceria com os indígenas no Jaraguá:

O *Salve Kebrada* e a TI Jaraguá representam que o bairro do Jaraguá é um quilombo... A periferia se constrói numa ocupação; mas vem um [empreendimento da] CDHU¹¹ e mata, tira toda a cultura da periferia. Porque não é uma questão de ela querer só ter uma condição de vida, é uma questão de condição cultural, não chegar com um “predinho” e pôr as pessoas numa gaiola (Daniel Wera em conversa com Sales de Lima em 2022).

Problematizando a massificação dos conjuntos habitacionais populares *jurua*, ele experimenta um devir-indígena se aparentando com seus corresidentes guarani e com a própria terra: “Se eu estou acolhido aqui... se o povo me acolheu, acho que tem um propósito... quando a gente se volta para a natureza, é o espírito da terra que está nos acolhendo”. Após mais de quatro anos vivendo na *tekoa*, Daniel reforça a compreensão de que os trabalhos coletivos na TI não se sujeitam ao tempo imposto em projetos não-indígenas:

Nos projetos do dia-a-dia, nos projetos culturais, a gente deixa bem claro que a nossa cultura está ligada às forças da natureza. Então, a gente manda um cronograma. Mas se Tupã começa [a trovoar] lá em cima, não é hora de trabalhar. Vamos trabalhar no dia seguinte. Os *jurua* não

¹¹ Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano.

entendem isso. (Daniel Wera em conversa com Sales de Lima em 2022)

Na mesma direção, Adriano Sampaio, ativista ambiental vizinho e parceiro dos Guarani no Jaraguá, chama a atenção para a conversão em esgoto de rios na região, como o Ribeirão Vermelho, turvando a memória de outros modos de ocupação dos espaços. Ligado ao tema da crise hídrica, ele participa de ações na *tekoa* Itakupe relacionadas à criação e manutenção de um lago que hoje serve para banho e pesca na aldeia. O ativista também é reconhecido por auxiliar no processo de revitalização de outras fontes hídricas e mapear nascentes de rios no município de São Paulo. A partir de sua relação com os Guarani, Adriano começou a estranhar as cercas *jurua* e suas capturas do espaço e dos modos de viver:

Comecei a perceber alguns hábitos ruins que eu tinha e fui mudando, porque os Guarani falam que a gente criou várias cadeias. Quando eles foram pela primeira vez na minha casa me visitar, falaram: “Pô, isso parece uma cadeia! Você tem portão alto, tem lança”, e eu comecei a dar risada (Adriano Sampaio em conversa com Sales de Lima em 2020).

Tais ações de maior ímpeto individual, como as de Adriano e Daniel, ou aquelas originadas a partir de um viés coletivo, como o *Salve Kebrada*, nos convidam a aprofundar a reflexão sobre as possibilidades de ações comunitárias no território, tensionando e deslocando fronteiras de corpos-lugares, na/da Terra Indígena e na/da cidade. Assim, em meio a uma multiplicidade de encontros ocorrido nas *tekoa*, destacamos transformações experimentadas no corpo e no território relatadas por pessoas não-indígenas parceiras e que propõem fortalecer-se mutuamente com os Guarani.

Boa parte desses vínculos foram criados ou reforçados em manifestações políticas pela Terra Indígena e outros direitos, a começar pelas mencionadas manifestações em 2013 contra a PEC 215. A campanha pela demarcação das Terras Indígenas foi intensificada em 2015, quando ganhou força o slogan “Jaraguá é Guarani” e a TI foi demarcada. A suspensão da portaria e as contestações à terra ensejaram novas manifestações a partir de 2017, como mencionado. A campanha pelas demarcações foi articulada pela Comissão Guarani Yvyrupa¹² com parceiros de ONGs (como o Cimi e o Centro de Trabalho Indigenista/CTI) e movimentos sociais, contando com intensa participação dos moradores da TI Jaraguá. As lutas pelo reconhecimento das terras guarani incluíram a produção de uma série de vídeos com o Coletivo Vira-Lata¹³ e ocupações

¹² A CGY é uma organização supranacional descentralizada criada em 2006 por diversas lideranças guarani do Sul e Sudeste do Brasil com o objetivo de unificar as demandas. Encabeçada por aqueles que desempenhavam papéis de *xondaro*, essas lideranças não abdicaram da orientação dos *xeramôĩ*, que os acompanham em cada encontro que fazem para atualizar informações sobre a situação jurídica de cada terra e definir ações prioritárias (Keese dos Santos, 2021).

¹³ Coletivo de profissionais de comunicação e produção cultural para causas e movimentos sociais.

ou manifestações na Rodovia dos Bandeirantes, no Monumento às Bandeiras, na Avenida Paulista (emblema da pujança capitalista da cidade) e no Pateo do Colégio (construção jesuítica considerada local de fundação da cidade sobre um aldeamento indígena). Como no mencionado comentário de David, essas foram ocasiões para chamar a atenção para a presença massiva de homenagens aos bandeirantes em nomes de vias e construções como algo significativo do espírito empreendedor do paulistano, em que o “progresso” se dá às custas das terras e vidas indígenas e de grupos minorizados.

No início de 2020, uma nova ameaça aos viventes no Jaraguá (pessoas, árvores, animais, rios e uma multiplicidade de outros) suscitou a ampliação e adensamento da rede “Jaraguá é Guarani”.

Resistência multiespécies à Tenda de concreto

A ocupação do terreno da empreiteira Tenda ao lado da TI, em fevereiro de 2020, situa-se dentre as mais elucidativas experiências de mobilização dos Guarani que entrelaça a participação da chamada sociedade civil na cosmopolítica indígena. Nas ruínas de um antigo clube de lazer, onde se encontra um fragmento de Mata Atlântica vizinho a aldeias da TI e ao Parque, a empreiteira Tenda elaborou um projeto para construção de onze edifícios de dez andares, somando um total de 880 unidades habitacionais, que poderiam receber mais de 4 mil moradores. Santos sintetiza as condições do empreendimento:

Sem consulta ou diálogo com a população indígena vizinha ao terreno, como prevê a Portaria Interministerial 060/201535, e com um licenciamento ambiental repleto de falhas, a Construtora iniciou o corte das árvores afirmando que se tratava de “árvores isoladas” de espécies exóticas (SANTOS, 2021; p.77-78).

A morte de inúmeras espécies de animais e plantas motivou os Guarani a denominarem a ação da empreiteira como *genocídio*, ampliando o alcance do termo para gentes não-humanas cuja existência estava ameaçada. A destruição de árvores como o cedro (*yary* em guarani; nome científico *Cedrella fissilis*) implicara especificamente um desrespeito aos donos-espírito desses seres considerados sagrados pelos Guarani. Espécie nativa da Mata Atlântica e ameaçada de extinção, o cedro é uma planta amplamente reconhecida e utilizada pelos indígenas como *moã ka’aguy* (remédio da mata) e sua entrecasca compõe-se com a água nas cerimônias de nominação, os *ykarai* (cuja modalidade cerimonial mais ampla é o *nhemongarai*). O cedro também está presente como sustentador de *yvyrupa*, a superfície terrestre, desde os tempos primordiais (VERÁ TUPÃ POPYGUA, 2022).

Em fala dirigida aos demais ativistas indígenas mobilizados na ocupação e registrada por Santos (2021), Márcio Wera Mirim descreve a importância da realização dos rituais funerários também para as árvores,

pois isso que o *jurua* chama de “desequilíbrio ambiental” decorre dos espíritos das árvores mortas que ficam rondando a terra e pesam sobre ela, em razão da negligência daqueles que as derrubam. Para dar visibilidade a essa negligência e predação da Tenda, os Guarani fizeram um ritual fúnebre de um tronco de cedro, sangrando-o com tinta vermelha e levando-o em uma sepultura até o escritório da Tenda.

Para evitar um genocídio de maior escala, a comunidade guarani da TI Jaraguá interrompeu a devastação realizada pela empreiteira e se estabeleceu no terreno. Foram quarenta dias de ocupação, nos quais indígenas e não-indígenas parceiros demarcaram seus corpos em conjunto com aquele pedaço de Mata Atlântica invadido pela cidade *jurua*. A mobilização ativa uma frequência cosmopolítica na qual cedros, animais e um lago soterrado conformam-se como atores contra o empreendimento imobiliário. De modo significativo, a ocupação foi nomeada pelos Guarani de *Yary Ty*, “Floresta/Multiplicidade de Cedros”.

Sales de Lima frequentou a ocupação e diversas vezes ouviu a expressão o “cedro é nosso pai”, enunciando a conexão dessas árvores às divindades que chamam de “Nossos pais” (*Nhanderu kuery*) e “Nossas mães” (*Nhandexy kuery*). Por sua vez, Santos (2021) chama a atenção para como Cadogan destacou o trânsito da “alma-palavra” – como Cadogan traduz *nhe’ẽ*, em referência aos seres espirituais que investem os Guarani de linguagem e agências específicas quando se assentam no corpo e passam a habitá-lo – entre as moradas celestes e o leito terrestre, tendo algumas árvores, especialmente o cedro, como integrantes desse fluxo: são as *ywyra dhe’ẽry*, “árvore da palavra-alma” (CADOGAN 1971, p.26 *apud* SANTOS, 2021, p. 82).

Em um processo ritual de luto, unidos aos espíritos das árvores e animais mortos, os humanos ali presentes realizaram diversas atividades no período de ocupação do terreno, como: exposição de artesanato Guarani; plantação de mudas de árvores nativas da Mata Atlântica; apresentações do Coral Guarani, de Jongo e de músicos renomados, como Arnaldo Antunes. Também ocorreram encontros em prol da limpeza do lago localizado dentro do terreno – ação coordenada pelo mencionado ambientalista e vizinho da TI, Adriano Sampaio.

Desde o suprimento alimentar até a consolidação da infraestrutura artística, a ocupação manteve-se erguida por meio de apoios mútuos entre os Guarani e os *jurua*. Particularmente, integrantes do coletivo *Salve Kebrada* foram essenciais para a montagem da estrutura geodésica voltada ao espaço cultural, assim como para aquisição dos equipamentos de som. Além do *Salve Kebrada*, os Guarani envolvidos na ocupação também se aproximaram de outros movimentos sociais que propunham uma organização autônoma e não-partidária. Hakim Bey (2004), citado por Monteiro (2018) em sua tese dedicada às manifestações de junho de 2013, fala de algo semelhante denominado zonas autônomas temporárias (TAZ). Trata-se de formas de confrontar os poderes instituídos: uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se 're-fazer' em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la (BEY, 2004).

Sob essa organização autônoma, formada sobretudo por jovens indígenas e não-indígenas parceiros, os cantos-reza guarani constituíam-se como prática diária, durando de duas a três horas. Além de ritualizar o luto de um genocídio eminente de gentes da mata, tinha como um dos objetivos “emanar amor na cabeça dos dirigentes daquela empresa”, como ouvimos. Sintonizava assim os membros da ocupação *Yary Ty* em uma frequência *xondaro*, “guardiões” e “guerreiros”, criando disposição para o imprevisto.

Em meio ao esgotamento físico e mental de inúmeras atividades e, ao mesmo tempo, do tensionamento e da intimidação por parte da empreiteira Tenda e do poder judiciário, cerca de 20 pessoas guarani e *jurua* passaram a viver na ocupação em meio ao trânsito diário de dezenas de apoiadores. Como aponta Ana Flávia, uma das parceiras *jurua*, na ocasião: “não é ajuda; é um fortalecimento mútuo”. Ao agradecer a participação dos presentes em *Yary Ty*, Thiago Karai Djekupe, antes da apresentação do músico Arnaldo Antunes, destacava a importância de organizações, mas também de pessoas que representam “elas mesmas”, a exemplo de Ana. Nessa e em outras falas, os Guarani chamavam a atenção para a importância dos vínculos entre corpos e o território, à revelia de configurações institucionais e mesmo étnicas.

Por outro lado, observamos que alguns jovens guarani lamentavam que parte da TI Jaraguá não tinha se envolvido por inteiro em *Yary Ty*. Sobretudo os mais velhos não se sentem confortáveis e desconfiam de movimentos que impliquem aproximações com não-indígenas ainda pouco conhecidos. Como mencionado, a evitação de capturas pelos *jurua*, que Keese dos Santos (2021) chamou a atenção pelo movimento de esquiva característico da dança *xondaro* e da relacionalidade guarani, ali conjugava-se com o “jeito Jaraguá de lutar”, cujo enfrentamento é mais direto, como diziam algumas lideranças jovens da TI.

No cotidiano da ocupação *Yary Ty*, a reza, através da dança e do canto, preparava, unia e fortalecia os corpos segundo vários presentes. Como aponta Haibara, “cantar e dançar se configuram em atividades que possibilitam a formação da coletividade no próprio corpo, pois canta-se junto, numa só voz, e dança-se de mãos dadas ao mesmo passo” (HAIBARA, 2022, p.84-5). Em meio a conexões com as divindades, se estabelecia o amálgama contingencial de um coletivo voltado para impedir a empreiteira de destruir mais árvores e animais pelo lucro de um empreendimento imobiliário. Tudo o que era discutido pelas lideranças junto à Tenda era dito às claras aos *xondaro* e *xondaria*. Neste sentido, ouvimos daqueles que participavam das reuniões com a empresa que, caso as lideranças guarani tivessem aceitado tudo o que a empresa lhes oferecera, “a gente já tinha desmobilizado a nossa comunidade aqui e não ia ter ninguém lutando”.

Após pouco mais de duas semanas, a ocupação foi se dando conta de que não haveria estudo de licenciamento ambiental do terreno com o componente indígena nem quaisquer outras negociações. Parecia inevitável a escalada do tensionamento. Foi então que a justiça estadual marcou a reintegração de posse à empreiteira para as seis horas da manhã do dia 10 de março de 2020. O batalhão de choque da polícia

militar do estado de São Paulo emitia um documento no qual enumerava todo o armamento a ser utilizado na ação. Armas de choque, balas de borracha, bombas de gás e drones; tudo especificado e listado. Na véspera da reintegração de posse, por volta das 22h, ocorreria a última e maior reza, contando com massiva presença de apoiadores não-indígenas.

O clima tenso, entretanto, motivava os *xondaro* e as *xondaria* a confiarem ainda mais na estratégia de resistência, mantendo o autocontrole. Assim Anthony Karai Poty, uma jovem liderança da TI Jaraguá, comentou a iminência da chegada das forças policiais:

A gente tá tranquilo... A polícia tá mais nervosa de vir aqui do que a gente [com medo] deles, porque o povo Guarani é muito estrategista; porque a resistência, até hoje, foi por causa disso. Sepé Tiaraju¹⁴ começou isso tempos atrás. Ele ensinou o Guarani a ter estratégia e a gente tá com isso até hoje... Amanhã pode acontecer de entrar em combate uma força espiritual gigantesca contra o físico. E aí, vamos ver quem é que vai conseguir suportar. [Se] é o espiritual ou é a força bruta! (Anthony em conversa com Sales de Lima em 2020)

A presença massiva da comunidade e de apoiadores seria crucial para evitar um derramamento de sangue, como de fato o foi. Dezenas de pessoas não-indígenas chegaram no dia 9 de março para participar da última grande reza e passar a noite na ocupação. Estes puderam presenciar a *palavra potente* Guarani (CLASTRES, 1990; SZTUTMAN, 2022). Já passava das 22h30 quando o edifício térreo de cerca de 80 m² – antes utilizado como base/dormitório para seguranças da empreiteira Tenda – era ocupado por cerca de 90 pessoas, mais da metade *jurua*. Thiago Karai Djekupe assume a dianteira da dinâmica coletiva e inicia a fala, admoestando os presentes:

Eu quero que vocês... esqueçam o modo de vida do branco, agora, e que tragam pro coração de vocês o modo de vida da floresta! Que cada um de vocês se torne guardiões da floresta também! A floresta que o *jurua* tá desmatando não é só a Amazônia! A Mata Atlântica tá aqui também! A fauna, a flora, os animais, tão aqui também! O espírito tá aqui também! Se o *jurua* continuar desmatando, se o *jurua* continuar fazendo da terra o papel, o dinheiro, depois não vai adiantar chorar quando tiver enchente! Não vai adiantar chorar quando tiver deslizamento, desmoronamento... Essa responsabilidade não é só do Guarani. Nós somos os povos da floresta,

¹⁴ Trata-se de um Guarani que liderou a resistência indígena em missões jesuíticas contra as tropas luso-brasileira e espanhola na Guerra Guaranítica (1753-1756) ou Guerra dos Sete Povos, decorrente do Tratado de Madri (1750). O tratado exigiu a retirada da população guarani que ali vivia há 150 anos. Em fevereiro de 1756, Tiaraju foi morto em uma emboscada onde hoje é o município de São Gabriel (MONTEIRO, 1992).

somos sim, mas cada um de vocês também tem o espírito da floresta. Cada um de vocês tem a força da mãe natureza! Cada um de vocês são guardiões também! Essa luta é de todos nós! Nós somos a resistência! Eu quero que vocês repitam isso! Nós somos a resistência! Nós somos a resistência! Nenhuma árvore a menos! *Aguyjevete!* (Thiago Karai Djekupe, março de 2020)

A *palavra potente* de Thiago evidencia como, a cada ação direta, a cada circunstância de “guerra”, lideranças podem engendrar novas configurações coletivas, em que o discurso não apenas anuncia, mas convoca a construção de um porvir. Aqui, Thiago convoca indígenas e não-indígenas a um devir-floresta, lutando pelos viventes e espíritos da floresta contra o *kuaxia reko*, que faz da terra papel, como dinheiro, documentos, títulos de propriedade.

No canto-reza, em meio ao clima de concentração meditativa e apreensão em vista da iminente violência repressiva do Estado, Thiago prosseguia e reforçava a diferença entre o *jurua* parceiro e aquele que mantém em si o “espírito de bandeirante”: “Quando alguém perguntar se vocês são *jurua*, fala que não; fala que vocês são os Guardiões da Floresta! Fala que vocês são espírito! Mas *jurua* bandeirante vocês não são!”.

Ao orientar o comportamento das *xondaria* e dos *xondaro* indígenas e não-indígenas presentes na sala, Thiago prosseguia:

Quando vocês estiverem lá [diante da tropa de choque da PM], [digam], “o nosso povo vocês não vão matar! Vocês estão destruindo o nosso povo!” Porque nós somos um único povo! Nós somos um povo só!”... Se a gente continuar se separando entre o índio, o não-índio, o meio índio, o negro, o japonês, a gente não vai chegar a lugar nenhum. A gente tem que se colocar como um único povo! Como irmãos de verdade! Como filhos da terra! (Thiago Karai Djekupe, março de 2020)

As palavras de Thiago conformam assim um povo que não segue marcadores étnicos ou de “pureza” racial, mas se filiam à terra. Nesse sentido, podemos inclusive entender viventes não-humanos como parte desse povo: os cedros, os animais, o lago e os espíritos responsáveis pelos seres daquela *tekoa* como um povo. Como enfatizado por Benites (2018), uma *tekoa* é composta por uma multiplicidade de seres que interagem de modos específicos, e a composição dessas diferenças num território ou num corpo constitui um *teko*, um modo de ser. Em *Yary Ty* uma coletividade se fazia ao experimentar, em diferentes modulações, um devir-floresta da cidade e um devir-cidade da floresta cercada e ameaçada pelo empreendimento imobiliário. Tal povo forjou-se na provisoriedade daquela situação de guerra entre a cidade-bandeirante e a cidade-multiespécies ou multi-gentes, mas os vínculos ali construídos

tiveram desdobramentos em ações posteriores, amizades e transformações, algumas das quais tematizadas ao longo deste texto.

Cerca de duas horas depois dessa fala de Thiago e concluída a reza, iniciava-se uma reunião para o planejamento das ações de resistência ao processo de reintegração de posse e as táticas dos *Guardiões da Floresta* foram colocadas na mesa. As *xondaria* decidiram assumir a vanguarda da formação de defesa de *Yary Ty* frente à tropa de choque da polícia militar; e uma dezena de *xondaro* permaneceriam nas copas das árvores dentro da ocupação, até segunda ordem. Basicamente, foi o que aconteceu no dia seguinte.

Às seis da manhã do dia 10 de março de 2020, com chegada do “choque”, centenas de *xondaria* e *xondaro* estavam prontos. Inúmeros veículos de imprensa e políticos estavam também presentes. Alguns Guarani, sobretudo os mais velhos, fumavam e sopravam o *petyngua* (cachimbo com tabaco) no meio rua, à meia distância entre a frente da entrada do terreno – onde se encontrava o que os ocupantes chamavam de “muralha dos Guardiões” – e os policiais militares. Enquanto isso, outros *xondaro* ocupavam os topos das árvores de *Yary Ty* como estratégia derradeira de resistência caso a polícia entrasse com violência no local.

Thiago era o negociador. Como estratégia, decidiu aparecer somente no início e no final do evento. Isso porque sem a sua presença não haveria negociação para aquele embate; configurando uma forma de estender ao máximo a visibilidade e a repercussão do ato. Inclusive foi através de um sonho, como nos contou depois, que ele compreendeu que não poderia estar presente em *Yary Ty* durante todo o processo de reintegração de posse.

Com muito medo de uma invasão policial, sobretudo devido à presença de muitas crianças, Thiago se posicionou em um lugar de mata, na rodovia Bandeirantes, para observar o que estava acontecendo. Foi então que, após algumas horas, avaliou que o risco da irrupção da violência policial havia aumentado. Saiu do ponto onde estava e foi negociar.

Em meio à negociação, recebeu pressão de várias direções. Ouviu do comando militar o pedido para que desistisse o mais rápido possível do enfrentamento, pois, segundo o comandante da ação, havia policiais que, sob o peso psicológico do momento, tirariam a farda e, por consequência, seriam presos. E ele – o comandante – queria evitar isso.

Em meio às conversas de Thiago Karai Djekupe com os advogados da Tenda e a polícia militar, havia lideranças de diversos movimentos sociais, dentre eles o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e um grupo de dezenas de torcedores e membros inspirados pela Democracia Corinthiana. Dentre os últimos, alguns portavam rojões e estavam prontos para o embate com a polícia. Mas assim comentou Thiago:

Eles [sobretudo os torcedores do Corinthians] falaram que não iam recuar. Aí eu falei que a gente ia recuar ali, mas ia continuar na frente [do terreno], protegendo a

área; porque era uma galera de luta, que estava acostumada com luta de pancada, e eles queriam trazer essa luta... Mas argumentamos que essa não é a luta que a gente faz; existe um caminho aqui. (Thiago Karai Djekupe em conversa com Sales de Lima em 2020)

A comunidade do Jaraguá conseguiu, então, impedir que uma reintegração violenta fosse executada e chegou a um acordo com o comando de polícia e advogados da Tenda. As pessoas desocupariam o terreno, mas permaneceriam protegendo-o a partir de sua entrada. Após a reintegração e a permanência dos Guarani à frente do terreno por mais algumas semanas, eclode a pandemia da Covid-19. Assim, os indígenas tiveram que se resguardar e desmontar o acampamento. A mobilização em torno da questão da Tenda, dentre outras pautas, se concentraria em *lives* e redes sociais a partir de então.

Atualmente, passados mais de dois anos da ocupação, e com a obra da empreiteira embargada pela Justiça, os Guarani reivindicam que o terreno se torne um parque, o *Yary Ty* - Floresta dos Cedros, em homenagem às árvores que fazem circular também na cidade o fluxo das almas-palavras.

Jaraguá está fervendo (Conclusão)

O manejo de relações para conectar-se sem deixar-se capturar, ou indiferenciar, circulando na rede sem ser enredado, prevalece ainda nos vínculos dos Guarani Mbya com os *jurua* em São Paulo. Entretanto, uma miríade de pessoas não-indígenas ou oriundas de outros povos, de forma autônoma ou coletiva, via projetos ou ações diretas, no bairro do Jaraguá e para além dele, tem engendrado modos de aparentamento com os viventes na Terra Indígena. Mas trata-se de um aparentamento que não chega a termo, que existe enquanto movimento, devir. Indígenas e não-indígenas, ao lutarem, festejarem, rezarem e trabalharem juntos experimentam devires em diferentes modulações. O território participa desses agenciamentos, de modo a ensejar um devir-floresta da cidade e um devir-cidade da floresta, sem restringir a multiplicidade intensiva dos espaços e seus habitantes comentada por Nunes (2020).

A hesitação dos Guarani em relação aos não-indígenas está arraigada a incontáveis circunstâncias do *mau encontro* (KRENAK, 1999), ensejadas ao longo do processo colonial de espoliação e exacerbadas pela feitiçaria capitalista (STENGERS & PIGNARRE, 2007) nos centros urbanos. Além da predação do empreendedorismo paulistano, a comunidade guarani no Jaraguá precisa lidar com a arrogância do ímpeto assistencialista de muitas pessoas e organizações. Mas relações no e com o território vêm promovendo outra ordem de encontros. Particularmente, jovens indígenas e não-indígenas vêm lutando por um bairro em que a urbanidade periférica conviva com regiões de mata ameaçadas pela especulação imobiliária.

Este texto intensifica o foco na aldeia Yvy Porã, “Terra Boa/Bonita”, cuja beleza não está apenas no nome, mas na história de retomada de um lugar degradado, em que a mata era depósito de lixo *jurua*, que foi transformado numa aldeia bela e ampla de horizontes de possibilidade. Essa retomada teve o protagonismo de pessoas que desde o nascimento conviveram com olhares de desprezo e ou desconfiança na cidade e nas aldeias. Por serem em sua maioria mestiços, eram olhados como *quase brancos* por pessoas nas aldeias, e como *pobres* por pessoas e instituições nas cidades.

A construção de uma aldeia boa-bonita é parte da luta dessas pessoas para mudar esses olhares, uma luta cheia de festa, na qual participam parceiros que também experimentam a condição periférica na cidade, não raro conciliada com racismo, assim como parceiros em universidades e movimentos sociais que se identificam com suas causas. Esses parceiros raramente são provedores ou empregadores, tampouco veem os Guarani e as regiões de mata que ainda restam no bairro do Jaraguá como um resquício do passado a ser preservado, e sim como um horizonte de futuro a ser construído coletivamente. Como diz a ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara – parceira próxima das lideranças da Yvy Porã –, um futuro ancestral.

Nas lutas conjuntas, moradores da TI Jaraguá têm estreitado alianças com Guarani de outras aldeias, com indígenas de outros povos e com pessoas e coletivos não-indígenas a partir de uma modulação singular, que Thiago Djekupe chamou de “jeito Jaraguá de lutar”. Nessa modulação, há um enfrentamento mais incisivo do que a esquiva como modo relacional marcante entre os Guarani Mbya (KEESE DOS SANTOS, 2021), e menos incisivo do que em outros coletivos parceiros, como aqueles ligados à Democracia Corinthiana ou o MST e MTST. Compondo-se não apesar de suas diferenças, mas por meio delas, a galera do Jaraguá e parceiros vêm lutando por seus direitos no território, como na ocupação *Yary ty*, no socorro a incêndios dentro do parque (como o que aconteceu em agosto de 2022) e em muitas reivindicações e conquistas de serviços e apoios durante a pandemia de Covid-19 (MARTIM, MACEDO & SIGNORI, 2021).

As lutas também se fazem nas ruas de São Paulo, em manifestações pela terra (em diferentes vias e espaços, ocorridas em 2013, 2015, 2017, 2019 etc.); pela saúde (como na ocupação do prédio da prefeitura de São Paulo em 2019 em ato contra a municipalização da saúde indígena); pelos defensores dos povos da floresta (como na manifestação por Bruno Pereira e Dom Phillips na Av. Paulista em 2022, ou em homenagem aos Yanomami e ao título de Dr. *Honoris Causa* dado pela Unifesp a Davi Kopenawa, em 2023); por representantes femininas na política (como nas campanhas eleitorais de Sonia Guajajara, Shirley Pankará e na chapa coletiva Jaraguá é Guarani); em participações artísticas de grande repercussão (só no primeiro semestre de 2023, a peça “Amazonias”¹⁵, a

¹⁵ Como mencionado na epígrafe deste texto, a peça teatral “Amazonias: ver a mata que te vê”, dirigida por Maria Thaís, esteve em cartaz no Sesc Pinheiros, em São Paulo, de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, contando com dois jovens atores e uma atriz da TI Jaraguá.

ópera “O Guarani”¹⁶ e o filme “Para’i”¹⁷), entre outras tantas ocasiões. Já nas ruas de Brasília, no Acampamento Terra Livre, os cantos guarani – com muitas vozes de moradores da TI Jaraguá – co-moveram diversos povos e não-indígenas nas passeatas e nas telas dos celulares de todo o país e do mundo.

Alternando as lutas ou concomitante a elas, muitos mutirões de plantio, oficinas com trocas de saberes-fazeres, cantos-rezas e festas vêm acontecendo. Começamos com uma delas e finalizamos com outra. O festival “Beleza Indígena” teve em 2022 a sua 10ª edição e aconteceu na *tekoa* Yvy Porã. Muitas das atividades coincidem com o festival “Jaraguá é Guarani” que mencionamos, como rodas de conversa, música, oficinas e artesanato. Mas o Beleza Indígena tem como evento central um desfile, em que moradoras e moradores do Jaraguá e outros indígenas de diferentes idades, corpos e estilos desfilam e posam para fotos, ao som de um locutor guarani.

Macedo ouviu de paulistanos progressistas, de classe média-alta e brancos que não iriam a esse evento porque, apesar da alegada celebração da beleza indígena contra os padrões estéticos ocidentais, a imitação de um desfile de moda acabava sendo uma submissão à essa forma elitizada e ocidental de fetichizar corpos, roupas e adereços. Nos parece, contudo, haver uma ambivalência na incorporação dessa forma, que se faz subversiva, crítica e até paródica por ter seu contexto e atores totalmente reconfigurados – a exemplo do que acontece nos desfiles em bailes de Nova Iorque organizados por grupos LGBTQ+ de origem pobre, negra e latina documentado no filme “Paris is Burning” (“Paris está em chamas”, Jennie Livingston, 1990). Pois bem, o Jaraguá está em chamas, fervendo de luta, trabalho e festa.

As lideranças que mencionamos não se pautam por ideais de pureza étnica, mas respeitam as ressalvas mbya à conjugalidade e abertura indiscriminada aos brancos. Como alega Jurandir, a vida na cidade impõe uma política de redução de danos. Mas esta pode ser pensada como uma política existencial profundamente tradicional entre os Mbya, cuja vida na superfície terrestre implica lidar com sua perecibilidade constitutiva, buscando reduzir seus inexoráveis danos (PIERRI, 2018; MACEDO, 2017, 2019; VERÁ TUPÃ POPYGUA, 2022).

Essas lideranças e o número crescente de jovens guarani que as acompanham não buscam a volta a um passado idílico de povo da floresta pré-colonial, mas se sabem um povo da floresta na cidade, cuja condição minoritária tanto da mata como dos Guarani os lança em estado de devir. As poucas áreas de mata e de ocupação indígena seguem sendo ameaçadas pelo capitalismo-bandeirante, que é também quem oprime os demais viventes nas periferias. Sem ter a “pureza” como origem ou como horizonte, essas pessoas na TI Jaraguá vêm fortalecendo alianças não

¹⁶ A ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, estreou no teatro Municipal de São Paulo em maio de 2023. Com direção musical de Roberto Minczuk, concepção de Ailton Krenak e direção cênica de Cibele Forjaz, contou com participação de uma orquestra e coro guarani da TI Jaraguá.

¹⁷ O longa-metragem “Para’i”, dirigido por Vinícius Toro, entrou em cartaz em abril de 2023 e é filmado na TI Jaraguá, sendo encenado por seus moradores.

apenas entre diferentes gentes humanas, mas com seres nas matas, rios e espaços soterrados, devastados e negligenciados.

Como disse Thiago, “Nós somos o povo da floresta! Nós somos resistência!”. Essa resistência poderia ser concebida como o oposto do devir, dada a ênfase identitária que a expressão *resistência* muitas vezes ganha, como busca de permanência frente a uma ameaça de destruição. E a grande beleza da Yvy Porã é fazer do povo da floresta uma multiplicidade cuja resistência é estar em movimento e transformação. Os jovens, particularmente, são desafiados por uma falta de identificação tanto com a vida *jurua* capitalista quanto com um modo de viver considerado tradicional. Mas, em vez de um limbo, a galera da Yvy Porã tem buscado transformar esse impasse em outros passos, em movimento.

Referências bibliográficas

BENITES, Sandra. Viver na língua guarani-nhandewa (mulher falando). **Dissertação** PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, 2018.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2004.

CADOGAN, León. **Ywyrá ne'ery**. Fluye del árbol de la palabra. Assunção: Centro de Estudios Antropológicos, 1971.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

HAIBARA, Alice. Processos de aprendizado pelos olhos das crianças Guarani Mbya. In: GALLOIS, Dominique Gallois; MACEDO, Valéria (orgs). **Nas redes guarani. Saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2022 (2a ed).

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: **Simians, Cyborgs, and Women**. The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991.

KEESE DOS SANTOS, Lucas. **A esquiva do xondaro**: movimento e ação política guarani mbya. São Paulo: Elefante, 2021.

KELLY, José Antonio. Notas para uma teoria do "virar branco". Rio de Janeiro, **Mana**, vol.11, n.1, p.201-234, 2005.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (org). **Outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LADEIRA, Maria Inês; AZANHA, Gilberto. **Os índios da Serra do Mar**: A presença Mbyá-Guarani em São Paulo. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1988.

MACEDO, Valéria. Misturar e circular em modulações guarani. Uma etiologia das (in)disposições. Rio de Janeiro, **Mana**, vol. 23, n. 3, p. 511-43, 2017.

MACEDO, Valéria. 'Alimento morto' e os donos na cidade: comensalidade e alteridade em uma aldeia guarani em São Paulo. Lisboa, **Etnográfica**, vol. 23, n. 1, p. 605-625, 2019.

MACEDO, Valéria. Mundéu do mundo. Predação e trocas entre Guarani e *jurua* (não-índigenas). In: GALLOIS, Dominique Tilkin; MACEDO, Valéria. **Nas redes guarani. Saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2022 (2ª ed).

MACEDO, Valéria; GALLOIS, Dominique Tilkin. Apresentação. In: **Nas redes guarani. Saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2022 (2ª ed).

MACEDO, Valéria; SZTUTMAN, Renato. A parte de que se é parte. Notas sobre individuação e divinização (a partir dos Guarani). São Paulo, **Cadernos de Campo** (USP), vol. 23, n. 1, p. 287-302, 2014.

MARTIM, Jaciara Pará Mirim; MACEDO, Valéria. Janelas entre a aldeia e a cidade. In: FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana (orgs.). **Janelas abertas. Conversas sobre arte, política e vida**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

MARTIM, Jaciara Pará Mirim; MACEDO, Valéria; SIGNORI, Amanda. O espírito do covid e a força dos encontros na Terra Indígena Guarani do Jaraguá). Porto Alegre, **Plataforma de Antropologia e Respostas Indígenas à COVID-19 (Pari-C)**, vol. 1, n.4, p. 1-8, 2021.

MIGUEL JORGE, Gustavo dal Farra. Entre a mata e o mate: metonímias mbya e suas relações na produção da vida. **Dissertação** PPGCS-Unifesp, 2022.

MONTEIRO, Marina. “De pedra e pau”: etnografia do Levante Popular de junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro e suas continuidades. **Tese** PPGAS-UFSC, 2018.

MONTEIRO, John. Os Guarani e a história do Brasil Meridional (séculos XVI-XVII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MORAES, Carolina; FRANCO, Victoria. Onde os Guarani se deitam: A resistência indígena no ponto mais alto de São Paulo. São Paulo, **Monografia** Fundação Casper Líbero, 2018.

NOGUEIRA DA SILVA, Fábio. Elementos de etnografia mbyá: Lideranças e grupos familiares na Aldeia Tekoá Pyaú (Jaraguá–São Paulo,SP). São Paulo, **Dissertação** PPGAS-USP, 2008.

NOGUEIRA DA SILVA, Fábio. Do tekoa Pyau à nova aldeia: Sujeitos em movimento na produção do espaço local. São Paulo, **Tese** PPGAS-USP, 2015.

NUNES, Eduardo Soares. Sobre limites e assimetrias: algumas notas sobre os brancos e suas cidades para os Karajá. Campinas, **RURIS** - Revista do Centro de Estudos Rurais da Unicamp, vol. 12, n.2, p.53-90, 2020.

PADOVAN, Beatrice Perracini. Práticas espaciais de resistência Guarani Mbya em São Paulo: reflexões sobre arquitetura como tecnologia política. São Paulo, **Monografia** Escola da Cidade, 2020.

PIERRI, Daniel Calazans. **O perecível e o imperecível**: reflexões guaranis mbya sobre a existência. São Paulo: Elefante, 2018.

PIMENTEL, Spensy (org.). **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Jaraguá**. Brasília: Funai/Ministério da Justiça, 2009.

SALES DE LIMA, Eduardo. Nhanderu disse em sonho: a aliança Guarani-jurua. **Tese** Diversitas-USP, 2022.

SANTOS, Bruno Silva. De outros ratos e outras humanidades: uma etnografia das relações entre ratos e humanos nas aldeias Guarani-Mbya no Jaraguá (São Paulo/SP). **Dissertação** PPGAS-UFSCar, 2021.

SIGNORI, Amanda. *Kunhangue reko*: modos e movimentos entre mulheres guarani mbya. **Dissertação** PPGCS-Unifesp, 2022.

SOUZA, Emerson de Oliveira. Povos Indígenas na metrópole: Movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América. **Dissertação** PPGAS-USP, 2021.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. **Capitalist sorcery**: Breaking the spell. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

STRATHERN, Marilyn. **Partial connections**. Lanham: AltaMira Press, 1991.

SZTUTMAN, Renato. O desabrochar da palavra. Sobre o encontro dos Clastres com os Guarani. In: GALLOIS, Dominique Tilkin; MACEDO, Valéria. **Nas redes guarani. Saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2022 (2ª ed).

TUPÃ, Marcos. *Agyjjevete* para quem luta!. In: GALLOIS, Dominique Tilkin; MACEDO, Valéria. **Nas redes guarani. Saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2022 (2ª ed).

VERÁ TUPÃ POPYGUA, Timóteo da Silva; EKMAN, Anita. **A terra uma só**. São Paulo: Hedra, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. In: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosak Naify, 2002.

Recebido em: 14/03/2023 * Aprovado em: 17/04/2023 * Publicado em: 31/08/2023
